



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## Domingos Monteiro: Contos do Natal (capa)

Para citar este documento / To cite this document:

"Domingos Monteiro: Contos do Natal (capa)", *Colóquio/Letras*, n.º 159/160, Jan. 2002, p. 147.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

de Silveira a Londres, assiste à idolatração do filho pelo pai (Lucília, que Silveira diz ser estéril, de nada sabe) e à sua angústia crescente quando rebenta a II Guerra Mundial e John se alista na Força Aérea britânica. O conflito é acompanhado dia a dia, com mapas e jornais e muita literatura da especialidade, até que John morre como herói após uma carreira militar brilhante. Quando Lucília sabe do filho ilegítimo, mostra-se solidária, e marido e mulher partilham o desgosto em cumplicidade. Entretanto, Antunes resolve ir a Londres no encalço da história, e descobre que nem Kitty nem John existiam e que o nome é o de outra pessoa. Vem depois a saber pelo médico de Silveira da esterilidade do amigo e da sua tendência radical para a mistificação. Não querendo perdoar-lhe e disposto a desmascará-lo, acaba, porém, por se apiedar e perpetuar ele próprio a mentira, relatando a visita que fizera a Kitty e a ida conjunta ao cemitério em Londres. No fim, combinam os dois ir a Inglaterra. Este é, sem dúvida, um dos melhores contos de Domingos Monteiro, com a indistinção entre a realidade e a fantasia mantida com tal mestria que o leitor, tal como Antunes, nem suspeita de estar a ser «enganado». E é de realçar a grande humanidade do desenlace, a compaixão (no sentido alemão de *Mit-leiden*, sofrer com) para com a dor psíquica e o pudor em denunciá-la como doença.

Nas histórias de animais ou de árvores encontramos também desenlaces conciliadores: desde o perdígão, derrotado pelo rival, que vive o momento de vingança-vitória, ao sobreiro que desiste do ramo dos enforcados quando a agressão sofrida é reparada. Assim, tal como os ouvintes-personagens não interagem com as histórias que ouvem, também ao leitor real, no seu acto de concretização do sentido do texto, não é pedido o esforço de decifrar e interpretar. Contudo, a abordagem de certas temáticas prolonga dúvidas e interrogações. É o caso das muitas histórias com intervenção do sobrenatural, seja o assumido conto maravilhoso, como alguns dos *Contos do Natal*, sejam os casos racionalmente inexplicáveis, mas sem fundamentação credível (a jovem cega que recupera a visão depois de momentos íntimos com o amado em «O Milagre»). A ténue fronteira entre sonho e realidade, como temos em «A Estrada Que não Vai Dar a Parte Nenhuma», focando problemas de percepção, pode ainda interessar o leitor de hoje, sobretudo pela arte com que Xavier Cosme, o narrador, entronca o irreal (a estrada sem fim em que, sem dar por isso, se encontrou) no real (o regresso a casa, no final do trabalho, pelo caminho já bem conhecido). O reencontro com a família na manhã do dia seguinte, acompanhado embora de uma explicação racional (a mulher assevera ter-lhe o marido telefonado a avisá-la do atraso, o que não nos foi relatado), mantém todo o mistério sobre o que terá ocorrido, porque o leitor «viu» tudo da perspectiva do protagonista.

A maioria dos contos de Domingos Monteiro, porém, não são «obras abertas», não apelam à colaboração do leitor, essencialmente por não recorrerem à indeterminação. Neste sentido, situam-se nos antípodas do que Walter Benjamin chamou o

